

Livre e próspera

Criado em 1956, o acampamento que virou o Núcleo não estava nos planos do governo, e deveria servir apenas como canteiro de obras para a construção de Brasília

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

O Núcleo Bandeirante é uma cidade única. Com quase meio século de vida, pode se gabar de ter um passado consistente, com forte apelo cultural. No seu território, não faltam histórias de luta, amor, resistência e, especialmente, muito suor e trabalho dos migrantes que chegaram ao Distrito Federal no final da década de 50, e que consideram o local como se fosse a própria terra natal.

Criado em 1956, não constava dos planos do governo federal. O “acampamento” deveria ser apenas parte das obras de infraestrutura necessárias à construção de Brasília. Sua existência, portanto, estava limitada e vinculada à construção da capital. Lá, foram concentradas todas as atividades de prestação de serviço e comércio, que não eram taxados, por isso o nome Cidade Livre. O local era, fundamentalmente, uma espécie de “barracão” onde os operários eram fichados nas diversas empresas construtoras, inclusive a Novacap. De lá, eram deslocados para os vários acampamentos, como Vila Planalto e Vila Paranoá.

Com a aproximação da inauguração de Brasília, em abril de 1960, começaram a surgir os boatos de desmontagem da Cidade Livre, deflagrando um movimento de moradores e usuários pela sua manutenção. O Movimento Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante teve o apoio, até mesmo, do candidato a presidente Jânio Quadros, que após ser eleito posicionou-se contra a causa. A partir daí, o Núcleo Bandeirante ficou sobre intenso controle do prefeito de Brasília, Paulo de Tarso, que previa, entre outras alternativas, a transferência dos comerciantes para a Asa Norte, ainda em construção, e a transferência dos moradores das invasões para as cidades satélites do Gama e de Taguatinga. Nesta época, eram inúmeros os incêndios constatados na cidade, tentativas do governo oficial de enfraquecer o movimento de fixação.

Como resposta às investidas oficiais, o movimento alcançou altos índices de organização, congregando

diferentes categorias. Sua vitória ocorreu com a fixação da cidade, criada por meio da Lei nº 4020, de 20/06/61, sancionada pelo Congresso Nacional no governo João Goulart, uma vez que Brasília ainda não possuía autonomia política.

Economia

Há quase cinco décadas, o comércio vem reinando no Núcleo Bandeirantes. Segundo o presidente da Associação Comercial, Antônio Medeiros, existem cerca de dois mil estabelecimentos do setor terciário na cidade, responsáveis pela geração de aproximadamente nove mil empregos diretos e outros milhares de indiretos.

O principal segmento é o de comércio agropecuário. “Abastecemos todo o Distrito Federal, inclusive a região norte do entorno, uma vez que vem gente de Formosa para comprar nas nossas lojas. Nossos preços e produtos são imbatíveis. A região é referência quando se trata do gênero”, explica Medeiros.

Reprodução/ Sebastião Pedra/Especial para o CB



O LOCAL ERA UMA ESPÉCIE DE “BARRACÃO” PARA RECRUTAMENTO DE OPERÁRIOS

Outro grande referencial econômico do Núcleo Bandeirantes é o Setor de Abastecimento Bernardo Sayão, que concentra centenas de empresas, entre elas, mais de 100 estabelecimentos voltados para o setor de informática. “Acredito que foram criados mais de quatro mil empregos com a implantação deste pólo”, avalia Charles Dieckens, dono da Chaplin e porta-voz dos empresários do setor, que aponta a Call, especializada no sistema call-center, a Nova Data e a Wisa, como os carro-chefes na geração de empregos. Outra grande fonte de riqueza e aproveitamento de mão-de-obra na região, são as empresas do setor gráfico e do setor de gemologia.

A grande expectativa dos empresários locais é a inauguração, prometida pelo GDF para o mês de julho, da infraestrutura necessária à implantação de mais de 280 empresas no Setor de Placas da Mercedes. Trata-se de uma área de expansão do PRÓ-DF que até agora não vinha dando certo devido à falta de infraestrutura básica. “Eles pro-

meteram instalar tudo o que for necessário para que as lojas comecem a funcionar, plenamente, a partir do segundo semestre. Teremos desde cabeleireiros e oficinas mecânicas até empresas de grande porte”, diz Medeiros.

População

A população do Núcleo Bandeirante é eminentemente urbana, segundo o Censo 2000, que registrava 36.472 habitantes. No período de 1996 a 2000, o crescimento populacional foi de 3,87% ao ano, acima da média experimentada pelo total da população do Distrito Federal, que foi de 3,01% no mesmo período. Ambas revelam um crescimento acentuado, que supera a taxa brasileira, de 1,64% no mesma época da pesquisa.

Na Cidade Livre, as mulheres também são maioria, representando 52% da população total da Região Administrativa. Para 2005, a projeção é a mesma: o número de mulheres continuará crescendo em relação ao de homens.